

Fragmentos de memória: o Centro Acadêmico das Faculdades de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento (1918-1936)

*Denize Siqueira da Silva. É mestra em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. denise.siqueira@ta.ufrpe.br

Com o objetivo de compreender práticas escolares vivenciadas nas Faculdades de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento de Olinda-PE, 1912-1936, optamos em privilegiar a memória do Centro Acadêmico das respectivas faculdades, 1918-1936. A partir de projetos idealizados por alunos e professores no âmbito desse órgão. Acreditamos que revisitar um universo que se mostra por meio de reuniões, projetos, aulas e festas, é mais que resgatar práticas cotidianas, modos de saber fazer, é penetrar no imaginário de personagens que escreveram as primeiras linhas da história do ensino agropecuário em Pernambuco. Pensamos que, a perspectiva de análise aqui adotada, tanto a história oficial como os silêncios da memória coletiva serão objetos de criticidade.

Assim, partimos de uma visão culturalista da história, de forma integrada e interacionista procurando, segundo (ALBUQUERQUE JR, 2007: 153) ‘retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto, dessa maneira demarcar a nossa diferença’ ao trazer novos subsídios à historiografia regional, particularmente aos estudos das Instituições de Ensino Superior, dedicadas as Ciências Agrárias. De acordo com (CHARTIER, 1990) ‘a trajetória de uma instituição de ensino ganha visibilidade a partir do desvendar do seu universo’.

Isso requer o reconhecimento de um mundo, a portas fechadas, escondido, fugaz. Logo, a reflexão nos remete a uma leitura criteriosa, com o compromisso de repensar as histórias do Centro Acadêmico, adentrando os espaços vividos, as experiências, a afirmação dos valores construídos que revelam uma configuração de memórias e silenciamentos. Nesse sentido, acreditamos que a proposta teórico-metodológica de análise desse artigo insere-se no método prosopográfico, que tem por base o estudo das biografias coletivas das elites. O qual se orienta pela busca das regularidades, dos sinais comuns, dos condicionamentos sociais e culturais na história de homens e coletividades, buscando perscrutar a complexidade do social.

Para fundamentar essa opção, buscamos a produção historiográfica

relacionada à memória e patrimônio de instituições superiores de ensino e pesquisa. Nesse contexto, destacamos os trabalhos realizados por (ATAÍDE DE ALMEIDA, 2005) o primeiro voltado para a memória da Fundação de Amparo à Pesquisa em Pernambuco – FACEPE, quando a Instituição fez 15 anos, onde mapeia os gestores trabalhando com o aporte de memória e intelectuais. O segundo, sobre a Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, quando dos aniversários de 87 e 90 anos. Nesse último, a historiadora faz uma análise da trajetória das Escolas Superiores de São Bento, desde sua criação até 1964, relacionando as imbricações entre os momentos críticos vividos na conjuntura brasileira e a atuação desta. Teses,

dissertações e artigos também, se utilizam dessa temática, como por exemplo, a pesquisa de (CASTELO BRANCO, 2003), sobre o Piauí, abordando cotidiano e memória do Colégio Agrícola de Teresina, nas décadas de 50-70 do século XX e o artigo de (HEINZ, 2009: 263), intitulado “Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930)”. De acordo com a nossa proposta de análise, as obras de autores como Jacques Le Goff, Ecléa Bosi, Maurice Halbwaches e Michel Foucault constituem nosso lugar de reflexão.

Assim, partimos da idéia de que as relações de poder fundamentalmente não se passam nem ao nível do direito, nem da violência, não definimos poder como algo que nega ou impõe limites. Mas, um poder possuidor da eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. Nessa perspectiva, a opção pelas elites é aqui, antes de tudo, uma solução de escala, uma chave metodológica para, por meio do método das biografias e da memória coletiva perscrutar a complexidade do social.

Sobre a memória, enquanto fonte histórica os estudos de (BOSI, 1998: 47) afirma que,

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções mediadas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.

Sendo assim, a memória é responsável pela conservação das experiências, levando-nos a reinventar o já vivido no Centro Acadêmico das Faculdades de São Bento, possibilitando-nos recompor o passado, do marco da intelectualidade pernambucana no que se refere ao ensino agropecuário. Lembramos aqui (HALBWACHS, 2006), quando faz distinção entre memória histórica, de um lado, que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, e memória coletiva, de outro, aquela que recompõe magicamente o passado.

Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memórias, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam. Para (LE GOFF, 1996), o estudo da memória não é exclusividade da História, mas também da Antropologia, da Psicologia e da Educação, porém, ela ganha um significado especial para os historiadores, para quem o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história.

Nessa perspectiva, a memória tem a função de estabelecer ligações essenciais entre os sujeitos e o meio no qual vivenciam as experiências. Partindo da construção de um pensamento sobre o Centro Acadêmico, a partir, de fios de memórias, é possível conhecer as relações de sociabilidades que se travaram naquele ambiente e a importância dessas para a trajetória escolar da Instituição.

Nossos atores históricos, defensores de projetos direcionados para a causa agrícola em Pernambuco, são caracterizados como parte da elite agrária regional (MARTINS, 2008: 116-117), que atuaram discursivamente na região, expandindo seu ideário e suas concepções de educação. Nessa perspectiva, buscamos trabalhos de cronistas e memorialistas do período, esses na sua maioria ex-alunos das Escolas Superiores de São Bento, somados a historiografia de época, sobretudo, os estudos de (ANDRADE, 1989), (BARROS, 1985), (EISENBERG, 1977) e (LEVINE, 1980), com quais dialogamos sobre contexto político-social e econômico da região.

Em seu ensaio “Histórias das usinas de açúcar em Pernambuco” (ANDRADE, 1989), faz uma reflexão sobre o processo econômico e social regional, o qual dominava o setor econômico açucareiro desde o período colonial. Nessa linha o autor procurou trazer uma análise

histórica das transformações dos velhos bangüês em usinas, perpassando as experiências dos meios aparelhos e dos engenhos centrais, em suas análises propôs observar e caracterizar as mudanças que tal processo imprimiu na organização do espaço regional. Com (SOUZA BARROS, 1985), em sua obra “A década de 20 e Pernambuco” ampliamos a compreensão da relação entre os aspectos econômicos e sócio-políticos do espaço pernambucano, o autor analisa os quadros da política regional, os primeiros sinais da indústria urbana, também, discorre sobre as transformações ocorridas através do processo de modernização. Dessa maneira, apresenta um estudo alargado sobre aspectos culturais da região, principalmente, a diversificação do ensino superior, com o aparecimento de novas faculdades e seus reflexos na sociedade.

Já (EISENBERG, 1977), em suas análises faz um estudo de caso significativo sobre a economia de lavoura de exportação -, cana-de-açúcar, sua obra tem contribuído para debates relevantes em várias áreas do conhecimento na academia. O autor faz uma reflexão sobre os setores que atingiram a indústria açucareira, principalmente, no período compreendido entre as seis últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX, se debruçando sobre a problemática da modernização industrial e das transformações no sistema das relações de trabalho. Com essa proposta de pesquisa, seus argumentos não podem ser ignorados nesse artigo.

Para reforçar nossa discussão historiográfica buscamos (LEVINE, 1988), com seu livro “Pernambuco na federação brasileira 1889-1937: a velha usina”. Objetivando analisar uma história comparativa do ponto de vista regional, apontando semelhanças e diferenças entre estados da federação brasileira: Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais, o autor apresenta uma visão global dos setores político e econômico da sociedade local do começo da Primeira República à instauração do Estado Novo. Assim, esse trabalho trás importantes dados, principalmente, interpretações sobre as elites políticas, os sistemas fiscais e a integração social. Dessa maneira, a discussão da historiografia local nos permite refletir sobre as particularidades de fatos históricos, bem como, do processo educativo agropecuário local, a partir de avaliações determinadas pelos componentes de permanências e rupturas universais do processo histórico. Haja vista, que tais acontecimentos são momentos particulares que podem decifrar lacunas nos estudos da História oficial da educação, que muitas vezes torna-se

generalizante, englobando os fatos de grandes eixos político-sociais como modelo para desenrolá-los na história em todos os seus âmbitos, sobretudo o cultural.

Para tecer o memorial de Centro Acadêmico, transitamos por diversos campos do conhecimento entrecruzando documentos/monumentos com o cotidiano escolar. Sob a orientação de (CHARTIER) para quem a história tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.

Uma vez que o ofício do historiador está intimamente ligado ao processo de construção, de constituição de uma realidade observável, ou seja, ir ao encontro das questões de uma época. A história se faz como resposta às perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. De acordo com (PESAVENTO, 2003: 57) ‘Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e novos projetos para o presente e para o futuro, por meio da qual reinventam continuamente o passado’.

Por esse viés demos início às histórias do Centro Acadêmico. As imbricações contidas nesse fato nos permitem falar de uma memória coletiva, que ao se construir estabeleceu um sentimento de pertencimento entre os personagens que conviveram no mesmo espaço, de modo a perceber como alunos, professores e funcionários buscaram arquitetar os quadros de memória no ambiente em que estavam inseridos.

Um mergulho na memória

Assim, nos desvãos dos arquivos reviramos as páginas do periódico denominado “Revista Agrícola – Veterinária do Centro Acadêmico de São Bento” editado trimestralmente pelas Faculdades Agropecuárias de São Bento de Olinda-PE, além de publicarem suas pesquisas, professores e alunos escreviam sobre educação, higiene, ética, direitos e deveres, cidadania, política, economia, agricultura, entre outros assuntos pertinentes ao contexto político-cultural do momento. A proposta de trabalho desse órgão pautava-se em elaboração e execução de projetos, dos quais, a educação formal de trabalhadores rurais. Ensinando-lhes, principalmente conhecimentos agropecuários com embasamento teórico e prático. Compromisso profissional despertado cotidianamente nos acadêmicos pelos administradores das referidas Escolas Superiores.

Enfatizamos que as Faculdades eram administradas por padres beneditinos de identidade alemã.

Os estudantes deveriam repassar o conhecimento recebido para aqueles que não tinham oportunidades de ingressar numa faculdade, bem como, orientar os funcionários de suas propriedades. Contudo, a partir desse evento as relações de sociabilidades voltaram a ficar estremecidas entre a Ordem Beneditina, o Estado e lideranças políticas da região. Naquele contexto de grandes conflitos sociais¹, jovens e trabalhadores rurais politizados, conscientes de seus deveres, principalmente seus direitos não era um fato interessante para os donos do poder na região.

Além do mais, identificamos, nesse processo, refugiados da Grande Guerra (1914-1818). Habitantes do Engenho de São Bento, propriedade dos beneditinos de Olinda, entre os quais os alemães Oto Moneke, construtor e mestre de oficinas e Henrique Tross, o ferreiro, ambos trabalhavam na construção e manutenção da Escola Superior de Agricultura, causando querelas entre os grupos envolvidos no evento.

Foi nessa tecitura de fatos que nasceu o Centro Acadêmico de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento. Comparado aos Diretórios Acadêmicos da atualidade, esse órgão tinha uma representatividade social relevante para o contexto histórico da época. Como toda organização instituída possuía regimento próprio e uma diretoria, a primeira formada pelo presidente, na ocasião, o diretor geral das Escolas, D. Pedro Roeser; primeiro secretário, Joaquim Maurício Wanderley Filho; segundo secretário, Raul de Barros Moreira; um tesoureiro, Christiano Carneiro Dias Vieira; um orador, Paulo Alpheu de Miranda Henriques; um bibliotecário, José Galvão de Mello, com poderes para aprovar ou reprovar projetos apresentados por grupos sociais, sobretudo os acadêmicos.

Segundo seu estatuto, esse espaço escolar foi criado ‘para defender e proteger os interesses das nossas Escolas e de

¹ Compreendemos que toda ação social, política ou econômica de ruptura da ordem institucional afigure-se, pelo sinal de mudança, algo que vem complementar e contemporizar uma nova conduta existencial nas relações dos grupos ou das pessoas envolvidas no acontecimento registrado pela história. Assim, no primeiro decênio do século XX, em Pernambuco ocorreu uma grande insurgência popular alimentada pela vontade de “radical” de mudança entre dantistas, seguidores do partido liderado pelo general Dantas Barreto; e rosistas, seguidores do partido liderado pelo conselheiro Rosa e Silva. Havia assim, dois pólos, sociais e políticos envolvidos na luta, um com perfil oligárquico, outro com perfil oposicionista. Indicamos para leitura, conferir ANJOS, João Alfredo dos. **A Revolução Pernambucana de 1911**: movimento popular liderado pelo general Dantas Barreto contra a oligarquia do conselheiro Rosa e Silva. Recife: Fundação Cultura da Cidade do Recife, 2009.

seus acadêmicos; concorrer para o desenvolvimento intelectual e moral; em particular da sua turma e em geral da coletividade acadêmica pernambucana'. Para tanto dispunha de uma sede própria onde eram realizadas reuniões mensais com personagens de diversos segmentos da sociedade, contudo o público alvo era formado por “os matutos -, trabalhadores rurais” (Livro de Relatórios das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1913-1922. Terceiro e Quarto Relatório, 1917-1918: 38).

Relacionamos quinze biografias coletivas, nas quais encontramos ressalvas ao referido Centro enfatizando, principalmente, a atuação dessa organização sobre problemáticas que envolviam o desenvolvimento econômico da região. Dessa maneira, não podíamos deixar de mencionar o discurso antagônico do poder proferido por Joaquim Maurício Wanderley Filho, primeiro secretário do Centro Acadêmico e Ignácio Barros Barreto, proprietário da Usina do Meio da Várzea. (Livro de Relatórios das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1913-1922. Terceiro e Quarto Relatório, 1917-1918: 39).

compreendem a importância, necessidade e salutar consequências dessas reuniões?... repugnante!... edificante!!... ensinando-lhes os deveres e direitos de brasileiro,... inculcando-lhes os princípios higiênicos e agrônômicos... a moral... combatendo-lhes o alcoolismo, a indolência proveniente do deplorável ambiente em que vivem....

Todas essas orientações eram vivenciadas por meio de conferências, palestras, representações teatrais, projeções luminosas, maneiras que atraísse, impressionasse e despertasse aqueles sujeitos. Assim, a experiência das primeiras turmas possibilitou aos alunos a apropriação do lugar e dos espaços escolares, podemos dizer que esses acadêmicos moldaram não só as Escolas Superiores e seus cursos, mas também, o meio social onde atuavam. Romperam barreiras e fundamentaram a importância de suas profissões para a sociedade regional.

É importante ressaltar, que no período em análise, os órgãos de fomento voltados para causa rural no País, sobretudo em Pernambuco, eram tidos como o primo segundo das faculdades de Direito e Medicina, apesar do discurso moderno da intelectualidade local se voltar, também, para a causa agrícola. Para (FOUCAULT, 2001:119),

o momento histórico das disciplinas é o momento que nasce uma arte do corpo humano, que tem por objetivo aumentar as suas habilidades, aprofundar sua sujeição, estabelecer uma relação onde esse corpo ao mesmo tempo se torne mais obediente e mais útil, extraindo desse corpo o máximo possível de energia e canalizando-a para a eficácia de uma maior produtividade.

Assim, driblando o jogo antagônico do poder, esse espaço escolar aprovou vários projetos que reforçam o papel social desempenhado por essas Instituições de Ensino Superior para a sociedade local, entre os quais, segundo o (Livro de Relatórios das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1913-1922. Terceiro e Quarto Relatório, 1917-1918: 21),

criou e regulou o funcionamento da Escola Noturna D. Pedro Roeser, destinada a difundir a instrução entre os filhos dos trabalhadores rurais tão desprotegidos e dela sequiosos. Segundo seus idealizadores “o nome a que é consagrada é uma justa homenagem ao Exmo. Revmo. Snr. Presidente Honorário é um brado de gratidão pela obra de patriotismo que o Snr. tem prestado ao Brasil. A fundação da Escola Noturna já tem cabalmente demonstrado seu alcance, esta foi sugerida pelo agronomo Alfredo Gomes Coelho “de identidade paraibana.

Para manutenção da Escola Noturna D. Pedro Roeser, o Centro Acadêmico apresentou outro projeto instituindo e regulando a “Caixa Escolar D. Amaro Bodenmüller” (Livro de Relatórios das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1913-1922. Terceiro e Quarto Relatório, 1917-1918: 22), que foi aprovado juntamente com a decisão em adaptar como oficial a Arquiconfraria do Coração Eucarístico de Jesus, da qual faziam parte os sócios do referido Centro que se inscrevessem voluntariamente. Não podemos esquecer, que havia um desejo latente de (re)significar à agricultura para além das fronteiras regional, logo, era necessário colocar em prática todas as ferramentas disponíveis para realizar os anseios ora republicanos, ora eclesiástico.

Nessas imbricações, identificamos D. Pedro Roeser, diretor geral das Escolas; e D. Bento Pickel, diretor da Escola de Agricultura, como personagens totalmente

envolvidos com os ideais republicanos, fato que acentuou a insatisfação entre os monges, na percepção de alguns clérigos o Abade estava de certa forma, relegando alguns princípios da Regra do Pai São Bento. Ao criar com o apoio do Centro Acadêmico “o Tiro Acadêmico São Bento” o qual alegou que “essa medida foi de máximo alcance para a questão disciplinar das nossas Escolas” . Com esse discurso e sob a orientação do Primeiro Sargento Francisco Sabino da Silva, instrutor do referido Tiro, os exercícios militares e de tiros ao alvo foram realizados com regularidade obedecendo ao regulamento dos Tiros de Guerra. De acordo com as fontes documentais. (Livro de Relatórios das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1913-1922. Terceiro e Quarto Relatório, 1917-1918: 23-24),

às duas horas sacrificadas diariamente aos exercícios militares não prejudicaram absolutamente os estudos ou a disciplina escolar, pelo contrário, além das vantagens corporais e dos sentimentos são de patriotismo que os acadêmicos auferiram na linha de tiro, notamos com grande satisfação, um grau sempre crescente de operosidade e mais disciplina na vida escolar.

E continua,

a experiência mostra que, tempo em demasia sob o pretexto de estudar mais, gera a ociosidade, faz medrar as paixões, ao passo que, um pouco menos de tempo, porém metodologicamente aproveitado, expulsa a indolência e desperta a consciência do dever. Assim, é que se formam os grandes caracteres... lutando... o adágio inglês: time is Money, nós brasileiros devemos verter: tempo vale mais que dinheiro.

Assim reafirmamos que esse centro educativo fora utilizado como suporte político para atender aos anseios dos poderes constituídos, ora republicanos, ora eclesiásticos. É interessante nesse momento, discorrermos sobre informações relevantes para essa discussão, bem como, a relação nominal dos primeiros reservistas do Tiro Acadêmico São Bento. Os exames ocorreram aproximadamente entre os dias 15 e 16 de agosto de 1922, com uma comissão que fora escolhido pelo comandante da 6ª Região Militar, para constituir a banca examinadora, a qual era composta pelo Capitão Carlos de Barros Barreto, o Primeiro Tenente José Rodrigues da Silva e o Segundo Tenente Armando Bandeira de Moraes.

Submeteram-se a provas, oral, prática e de tiros dezenove atiradores/acadêmicos, (Livro de Relatórios das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de

São Bento: 1913-1922. Terceiro e Quarto Relatório, 1917-1918: 24).

José Augusto de Cliveira Gusmão, Luiz Pinheiro Filho, José Agnaldo de Souza, João Maria Collier, Antônio Joaquim Louzeiro, Agnaldo Velloso Borges, Ângelo Varela de Albuquerque, Benedicto Baboza de Souza, Dorgival de Souza Barboza, Edisio Tasso da Costa Cirne, Apollonio Jorge de Farias Salles, João Miguel de Aguiar, José Alves Massa, Jayme de Azevedo Gusmão, Luiz de Souza Monteiro, Manoel da Silva Martins, Oscar Espínola Guedes, Moacyr Fernandes Cartaxo e Paulo Nery Ferreira.

As práticas vivenciadas no cotidiano escolar, de certa forma, contribuíram para acirrar, cada vez mais, os ânimos entre a Ordem Beneditina e o Estado. Esse último, por meio do Decreto nº 07, de 03 de outubro de 1933, criou a Escola de Agronomia e Medicina Veterinária de Pernambuco, esse decreto foi revogado, mas, de certa forma, estavam lançadas as raízes para a desapropriação do Engenho e da Escola Superior de Agricultura de São Bento, considerando o contexto histórico-político. As interpretações de (LOVE e BARICKMAN, 2006: 78), enriquecem essa abordagem, ao analisar como esses personagens atuaram como elites.

Para os estudiosos, Pernambuco, o mais importante Estado do Nordeste, talvez seja o que melhor represente os dilemas políticos, sociais e econômicos que sua região, como hoje, colocava para o resto País. Outras variáveis foram acrescentadas, incluindo a participação em eventos políticos chave, os atributos sociais, laços com outros Estados, as ligações familiares e os aspectos relativos à geração.

Isso nos faz perceber, e de certa forma nos revela, que a República seria comandada pelos conservadores desde seu início. Contudo, a atitude dos administradores era uma forma de resistência encontrada para sobreviverem a determinadas imposições a eles apresentadas. Também, envolvemos nesse processo, a continuidade das atividades da Escola Noturna. Mesmo diante das dificuldades, internas e externas, essa funcionou com regularidade, em dias úteis, de 18h às 21h, além das instruções agropecuárias não foram esquecidas as aulas de catecismo ministradas pelo presidente do Centro, ou seja, uma forma de intervir na opção religiosa dos acadêmicos e da comunidade. Ressaltamos que não é objeto desse artigo fazer julgamento de

valores, porém, não podemos esquecer que esse estudo se volta para instituições de ensino superior, portanto de poder, de multiplicação de valores, de cultura.

Retomando a discussão que propomos. As despesas com aquisição de livros, cadernos, e outros materiais distribuídos gratuitamente para os alunos ficavam sob responsabilidades da Caixa Escolar. Enfatizamos que havia um descaso da oligarquia rural, com relação à Escola Noturna D. Pedro Roeser. Fato que estava relacionado a proposta pedagógica vivenciada, segundo o estatuto (Sexto Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1920: 19),

essa patriótica instituição, pretende difundir as ciências elementares e levantar o nível moral entre trabalhadores rurais. De fato merecia maior apoio. Apenas Dr. João Ignácio de Vasconcellos dela se lembrou, enviando para os alunos 300 exemplares do livro de leituras agrícolas. Por justa homenagem a Escola nomeou Dr. Cabral Diretor Honorário da Escola Noturna.

Além da preocupação com o aprendizado formal dos trabalhadores rurais, de reuniões e conferências o Centro Acadêmico promovia festas profanas e religiosas com regularidade. De acordo com (Sexto Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1920), também fundou,

o São Bento Football Club, o qual tinha como diretor, o aluno J. Galvão de Mello e como secretário o docente José Maranhão. Assim, a comunidade acadêmica de São Bento de Olinda penetrou em outros espaços, a partir de sua influência, seus pontos de vista, suas disposições ideológicas, suas tendências políticas, suas “artes de saber fazer, de inventar o cotidiano.

Com as biografias coletivas conhecemos as propriedades sociais mais requisitadas desse grupo, sua valorização ou desvalorização por meio do tempo, os atributos culturais, econômico e sua inscrição nas trajetórias dos indivíduos. Isso nos fez identificar os espaços e os mecanismos do poder nos diferentes públicos. Assim, procuramos dar sentido à ação política, ajudar a compreender a mudança cultural, dessa forma, explicarmos com precisão a estrutura da sociedade, o grau e a natureza dos

movimentos que se deram no seu interior, sobretudo, na esfera regional.

Essa revisitação levou-nos a perceber que todos os eventos realizados nas Escolas de São Bento de Olinda, sobretudo, do Centro Acadêmico de Agricultura e Medicina Veterinária, eram registrados em atas, principalmente, as solenidades dos meses de agosto e outubro de 1919, na primeira o conferencista Manoel Carneiro Leão falou sobre “a agricultura no Brasil”, bem como, os meios para seu “engrandecimento”. Frisamos que o personagem era sócio “remido” do referido centro e primeiro agrônomo diplomado pela Escola de Agricultura. Posterior, no segundo evento, discursou Inácio Barros Barreto com a temática “Vida do campo e a saúde”, advogado e líder político local, sempre decidiu sobre os destinos das Escolas Superiores; tinha uma espécie de escritório no Engenho de São Bento, pensamos que por esse motivo esbarramos constantemente com suas filhas circulando nos ambientes escolares e despertando paixões nos corações solitários dos acadêmicos, fato esse, que nos leva a questionar o ambiente masculino desses espaços. Barreto, também, disponibilizava suas fazendas para experiências e aulas práticas.

Assim, as lembranças do Centro Acadêmico estão presentes em fios de memória compartilhados por outros atores sociais. É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações foram apenas os reflexos dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodearam. Ao atribuir a memória uma função social (BOSI, 1998: 02), refere-se ao papel da lembrança da seguinte maneira,

é diamante bruto, que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma (re)apropriação.

Nas biografias coletivas o Centro Acadêmico aparece como um lugar de aprendizado, com signos que traduzem várias interpretações, das quais, afetividade, dor, alegrias, tristezas, solidão, profissionalismo, compromisso, fé, amor, justiça, saudades, vida e agradecimento para com a instituição escolar. Nesse sentido, pensamos a

realidade das Escolas Superiores de São Bento como um universo a ser desvendado, sendo compreensível para os personagens que interagiram cotidianamente no mesmo espaço.

Nessa discussão, a proposta da cultura escolar aproxima-se da interpretação de (CERTEAU, 2008: 40) para quem,

as práticas de pessoas comuns, as maneiras de fazer que majoritárias na vida social, não aparecem muitas vezes senão a título de resistência ou da inércia em relação ao desenvolvimento da produção sociocultural, uma ciência prática do singular que faz dos espaços públicos e privados um lugar de vida passível.

De certa forma, os integrantes do Centro Acadêmico eram pessoas comuns que representaram uma possível condição de exercer a construção do *lócus*, onde se travaram, por resistência ou não, suas posições. Teceram cultura, na qual, construíram valores, comportamentos e significados de uma época vivida. Nessa perspectiva, a cultura tem representações e expectativas discrepantes e ao mesmo tempo, convergentes, na qual um grupo compartilhou e construiu socialmente sua história. Dessa maneira uma nova leitura sobre a trajetória das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento, foi percebida, quando transitamos no cotidiano do Centro Acadêmico e discorremos entre aulas, festas, negociações, acordos, enfim, práticas e representações de uma instituição educativa agropecuária, nas primeiras décadas do século XX.

Por fim, evocar as práticas cotidianas do Centro Acadêmico de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento possibilitou-nos ampliar a historiografia local e da história das instituições de ensino superior, sobretudo, do processo educativo por via das representações criadas sobre esses espaços. Com base na realidade analisada, esse estudo proporcionou visibilidade ao papel social desempenhado por esse órgão. Além de se mostrar como um espaço de múltiplas significações, histórias e memórias, dessa maneira, é parte integrante do patrimônio histórico e cultural na trajetória da história da educação em Pernambuco.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. EDUSC: Bauru, São Paulo, 2007.

ALMEIDA, Maria das Graças A. A. de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. & CABRAL, Fátima. **FACEPE 15 anos**. FACEPE: Recife, 2005.

ANDRADE, Manuel C. **História das usinas de açúcar de Pernambuco**. Recife: FUNDAJ/Editora Massangana, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CASTELO BRANCO, Julinete V. Castelo. **Histórias e memórias do Colégio Agrícola de Teresina (1954-1976)**: formando líderes para a construção do novo e para a implacável destruição do arcaico. Teresina: Universidade Federal do Piauí-UFPI. 2006.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: PAPIRUS, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel 1990.

EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança**: a indústria açucareira em Pernambuco 1840-1910. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Universidade Estadual de Campinas, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979-2005.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

HEINZ, Flávio M. **Positivistas e republicanos**: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 29, nº 58, jul. – dez. 2009, p. 263.

_____. Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de SIDOU, Beatriz. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed.: Unicamp, 1996.

LOVE, Joseph L. & BARICKMAN Bert J. **Elites regionais**. In. (Org.) HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MARTINS, José de S. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 200.

PELEGRINI, Sandra C. Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SCOCUGLIA, Jowanka B. C. **Sociabilidade, Espaço Público e Cultura**: uso contemporâneo do patrimônio na cidade de João Pessoa. (Tese de doutorado). Recife. Universidade Federal de Pernambuco. 2003.

SILVA, Denize Siqueira. **Tecendo Memórias**: linhas e entrelinhas da Universidade Federal Rural de Pernambuco. (Dissertação de Mestrado). Recife. Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2010.

Sexto Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1920. Arquivos do Mosteiro de São Bento de Olinda. 1913-1922.

Terceiro e Quarto Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento: 1917-1918. Arquivos do Mosteiro de São Bento de Olinda. 1913-1922.